



Corpo, Pesquisa, Arte e Educação: FRESTAS para epistemologias e formações outras

Adrianne Ogêda

Edilane Oliveira

Carol Cony

Michelle Dantas

Virna Bemvenuto

Vitória Bemvenuto Bonifácio



Personagem

Revista de estudos em educação, linguagem e teatralidades

Resumo:

O Número Zero de *Personagem: revista de estudos em educação, linguagem e teatralidades* reúne textos de autores vinculados à *Diálogos: rede internacional de pesquisa*. Os leitores encontrarão escritos sobre histórico, trajetórias e modos de pesquisar e conviver em coletivos acadêmicos e/ou artísticos no Brasil, Equador, China, Índia, Portugal, Colômbia e Argentina. O presente resumo é unificado para todos os artigos, que originalmente foram escritos por perspectivas mais ensaísticas e narrativas. Ressalta-se que o formato, bem como o estilo de cada texto, nessa edição especial de lançamento da revista, corresponde ao desejo de partilha de seus autores na relação com seus pares, o que garante ao número uma amplitude diversa de práticas coletivas de pesquisa e, por consequência, de experimentar o escrever sobre elas, ao redor do mundo.

Palavras-chave: Rede de Pesquisa; Educação; Linguagem; Teatralidades



(...) porque no somos nosotros los que hacemos las preguntas sino las preguntas las que nos alcanzan y, al dejarnos tocados, nos hacen a nosotros¹. (Esquirol, p. 16, 2021)

Escarafunchando os intuitos e as vontades

A pesquisa se faz no entre, assim temos experimentado. O que impulsiona nossas investigações pulsa lá, no coração das perguntas e movimentos nascidos das experiências vividas no percurso de vida e trabalho. É nesse sabor, das inquietações moventes, que vamos nos constituindo pesquisadoras. Na epígrafe que abre esse texto, Esquirol (2021) nos diz que as perguntas nos acham, nos perseguem. E talvez seja mesmo esse o caso: andamos perseguidas por perguntas, por desejos, por sentidos que vão se configurando a partir das nossas criações, dos encontros que nos atravessam, do que acontece quando nos dispomos a pensar, criar, coletivamente.

Algumas dessas perguntas que nos acompanham e encontram, vão se desdobrando em outras. Além delas, gostamos de pensar que o pesquisar também tem a ver com escarafunchar as coisas que nos interessam e mobilizam. Dar tratos à bola, ou seja: concentrar-se nos impasses, focalizando o que nos interessa saber mais, sem que necessariamente haja uma hipótese ou “um problema”, mas o desejo de “[...] fazer poesia nas descobertas, que invisíveis aos olhos acostumados, se camuflam no corriqueiro, esperando a hora de serem encontradas” (FERREIRA, 2021, p. 109).

Neste ato de desacostumar o olhar e adentrar nas poéticas do cotidiano, do fazer do dia a dia, das invencionices, escolhas e desvios, experimentamos um fazer-pesquisa como processo artístico, como possibilidade de composição, de elaboração dos fazeres através de modos sensíveis de olhar e vivenciar as experiências. Nesse caso, talvez o impulso que mobiliza o fazer-pesquisa não seja exatamente uma pergunta, mas uma imagem nebulosa (SALLES, 1998), como algo que instiga e impulsiona ao movimento, mas que não se apresenta como uma forma específica. Ela vai sendo construída como matéria a ser esculpida aos poucos, inventada em seu percurso, através das experiências, partilhas, leituras e escritas. E assim, como um trabalho artesanal, esculpimos a pesquisa para que as perguntas possam nos visitar.

Um processo que é inaugurado por motivações, inquietações, como um material bruto a ser elaborado, vivido, sensibilizado nas relações entre nós, o mundo, as gentes e as coisas. Processo este que se liga a outro modo de compreendermos o fazer-pesquisa: como formação. Temos assumido a pesquisa-formação (LONGAREZI; SILVA, 2013), não apenas como uma metodologia, um caminho para investigar, mas também e, principal-

¹ Em livre tradução: “(...) porque não somos nós os que fazemos as perguntas, mas sim são as perguntas que nos alcançam e ao nos tocar, nos constituem.”



mente, como princípio, entendendo que o movimento de ir em busca nos forma, que os detalhes dessa ação vão se integrando à nossa vida e que os pensamentos, olhares, vontades das/dos sujeitas/os que co criam conosco os gestos necessários à pesquisa, vão se mesclando com os campos de estudos.

O fazer-pesquisa, portanto, processo artístico e formativo, nos desloca, nos (trans)forma: nos mobiliza para além das fôrmas (GUEDES; FERREIRA; 2020), vai além do estabelecido normativamente ao se dar por meio da escuta, do sentir, do criar e recriar modos de fazer-se a partir dos que nos acontece dia a dia, dando espaço à percepção do que se modifica e do que se apresenta como potencialidade do cotidiano, que evidencia a experiência como força (trans)formativa.

Nesse sentido, a experiência nos é força criativa e criadora. É no corpo a corpo com ela, como aquilo nos passa (LARROSA, 2014), que temos escarafunchado a realidade e desenrolado, portanto, o que temos vivido como pesquisa. Nos movendo assim é que escolhemos neste texto, tecido à muitas mãos, apresentar um tanto do que temos percorrido nesses quase dez anos de grupo de pesquisa nos relacionando com a Formação e com a Ressignificação de Educadores por meio dos Saberes, das Trocas e dos Sentidos. Quase dez anos, portanto, pesquisando, criando, desvendando pelas/com/entre/nas FRESTAS.

Decidimos narrar aqui sobre os inícios, os entres e os agoras. Seções-momentos do texto que organizamos, respectivamente, de modo a abordar os primeiros caminhos que tateamos para nos tornarmos Grupo de Pesquisa vinculado à Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) e o depois disso. Em seguida, nos entres, visibilizamos as escolhas formativas que fizemos, a figura especial que a Casa Daros teve nesse momento, nossa expansão em outros projetos de ensino, extensão e pesquisa - nesse ponto abordamos principalmente as dissertações de mestrado que começaram a nascer quando passamos a integrar o Programa de Pós-Graduação em Educação da UNIRIO. E nos agoras?! Falamos do que desejamos seguir fazendo, dos inéditos-viáveis (FREIRE, 2018) que temos preparado desde já para fazermos dos sonhos realidades.

Escarafunchando os inícios

A própria ideia de início nos faz pensar... afinal, onde é mesmo que iniciam os interesses que nos movem? São antigos, sabemos. Nascem lá, talvez nos momentos mais remotos da vida, das experiências, dos encontros e assombros, das delícias e perplexidades. Mas, como aqui se trata de contar um pouco do percurso de nossas investigações, decidimos nomear de início o momento em que inauguramos um novo movimento como grupo: aquele que impulsionou a organização oficial e institucional do FRESTAS²

2 FRESTAS - Formação e ressignificação do educador, saberes, troca, arte e sentidos. Esse nome foi proposto por Tábata Andrade, antiga integrante, e escolhido pelo grupo a partir de um levantamento de possibilidades.



como um grupo de pesquisa. Trata-se de uma história que já contamos em alguns artigos, mas como boa história, nutrida das memórias, vai também se ressignificando a partir das experiências que dali se desdobram, numa atualização permanente. História que ao ser contada e recontada, vai também afirmando nossas escolhas, destacando nossas inquietações e revisitando o que temos inventado desde então como grupo.

Os estudos da memória e das pesquisas narrativas, (auto)biográficas e de histórias de vida têm implicado ao grupo um modo de pensar as experiências biográficas como invenções permanentes. Nesse campo, é no encontro com autoras/es como Paulo Freire, Marie Christine Josso, Delory-Momberger, Elizeu Clementino, Ecléa Bosi, Conceição Evaristo, Chimamanda Adichie, Mont'alverne Chaves - dentre outras/os tantas/os, que têm trabalhado com essas perspectivas -, que vamos travando diálogos férteis para afirmar as narrativas e os percursos biográficos como parte fundamental e central no processo investigativo e na elaboração de seu conteúdo e forma.

Diante disso, narrar o que experienciamos tornou-se para o nosso Grupo um fundamento pelo qual criamos registros, em diferentes linguagens (da escrita, da performance, do desenho, do audiovisual, da dança, etc.), para comunicar sobre os encontros, o vivido, a quem não pôde/pudesse estar conosco. A estes registros demos o nome de Frestariências. Em uma Frestariência estamos interessadas em relatar, por exemplo, o que aconteceu em uma reunião regular do FRESTAS, expondo as sensações que atravessaram quem estava à escrevê-la. Quem narra, frestaria conversas que se cruzam, perguntas que se deslocam, as trocas de ideias e caminhos possíveis que vão sendo articuladas ali - no ao vivo e a cores. Assim, o central de uma Frestariência é que, quem a constrói, vai além do básico, prescritivo e normalizado do que precisa estar em uma "ata" de reunião: precisa incorporar presenças, sensações, sentidos e significados às palavras. Como Michelle Dantas Ferreira³ fez, em 26 de julho de 2014, na Frestariência abaixo, na qual narra sobre os inícios de nosso Grupo.

No início eram pessoas. Pessoas que tinham em comum a profissão. Eram professoras. No início eram professoras que tinham questionamentos. Eram questionamentos que inquietavam. No início eram professoras inquietas que buscavam respostas às suas perguntas, ou mais perguntas para as respostas que já tinham. No início era um curso de extensão. Eram professoras inquietas com alguns objetivos comuns que encontraram orientadoras pensantes e pulsantes. Daí que as dúvidas suscitaram questões, que mobilizaram pessoas, que criaram um grupo que passou a

3 Uma das pesquisadoras pioneiras do FRESTAS e uma das autoras deste texto.



ser e a querer: Formações, Resignificações, Saberes, Trocas, Artes e Sentidos. Eram possibilidades, passagens e aberturas. São Frestas por onde espiamos, vivenciamos, penetramos, permitimos, afetamos, convidamos, brincamos, revelamos, fomos e somos. E seremos. (UNIRIO, 2014, Frestariência)

Então falávamos de inícios... e o nosso se riba e Adrianne Ogêda - esta última uma das autora deste texto e cofundadora do FRESTAS -, ambas da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), coordenaram o Curso de Extensão “Corpo, arte e natureza” voltado para profissionais em exercício da Educação Infantil (EI), que teve duas versões⁴ (GUEDES; VIEIRA; QUINTANILHA, 2014; SANTOS; SILVA; FARIAS, 2014; SILVA; GUEDES; VIEIRA; FERREIRA, 2015; GUEDES, 2016). O foco era a docência na EI. Nosso grupo nasceu a partir das experiências e dos encontros que vivemos na primeira versão deste Curso de Extensão.

A metodologia dos encontros do curso consistia em propor experiências no campo das artes, com ênfase em um trabalho corporal pautado em nutrir estas/es profissionais da docência de um modo sensível e estético de viver a corporeidade, seja no cotidiano das instituições de Educação Infantil ou nas diversas esferas da vida. A grande maioria das/dos professoras/es convidadas/dos era também, além de educadoras/es, artistas e algumas/alguns delas/es estavam com produções em cartaz. Ao incrementar uma metodologia calcada nas proposições de experiências, desejávamos romper com uma tradição bastante usual nas propostas formativas que estruturam as aulas majoritariamente a partir de um modo expositivo (debate e leitura de textos referentes aos temas em foco). Nossa aposta era de que a partir das vivências corporais e artísticas, estabeleceríamos as conexões entre estas e o campo da Educação Infantil, tendo os elementos dos Programas de cada atividade como orientadores do trabalho.

Tratava-se, assim, de experimentar outros modos de conceber o aprender e o ensinar em espaços formativos, que tomava a experiência sensível como um dispositivo potente. Ao intitularmos as experiências que provemos como sensíveis, compreendemos que nem sempre se trata de experiências prazerosas, já que convocam o sujeito a sair de seus acomodamentos, fissurando formatos hegemônicos, que compreendem formação como treinamento, que convoca o participante a um certo lugar de passividade. Nosso convite implicava se pôr em ação, sustentar alguns incômodos, estranhamentos. Nesse estranhar, o convite estava posto para o que a/o participante se permitisse vivenciar experiências que mobilizassem os sentidos de corpo inteiro, envolvendo as memórias,

4 Tratava-se de uma das ações que compunham o Plano Nacional de Formação do Ministério da Educação e Cultura (MEC) que se constituíam em convênios entre Universidades/ Institutos Federais, os Municípios e o MEC. O foco era a docência na Educação Infantil. A primeira versão aconteceu no segundo semestre de 2013 e a segunda versão, no primeiro semestre de 2014.



histórias de vida e formação; em um imbricamento onde teoria e vivências estavam intrinsecamente conectadas, em horizontalidade. O diferencial era, desde os inícios, partir das vivências, e a partindo delas, articular estudos, reflexões teórico-práticas que habitavam/habitariam nossas escolhas.

A partir dessa compreensão, no decorrer do curso alguns termos iam sendo nomeados de outros modos, aproximando assim as palavras com os sentidos que íamos construindo. A palavra *aula* dava lugar a *encontro*, por exemplo. Tratava-se também de problematizar a concepção mais usual que fragmenta teoria e prática, que parecia levar ao equivocado entendimento de que a prática estaria ligada ao campo das corporeidades talvez... e a teoria, ao do conhecimento mais sistematizado, socialmente organizado e compartilhado... Fronteiras e distinções que experimentávamos borrar ao compreendermos que é com o corpo inteiro que aprendemos. Aprender é, portanto, obra de um corpo não dicotomizado, mobilizador de afetos, emoções, cognição, em um processo que também envolve o coletivo, a partilha e a criação.

Essa experiência nos deu muitas pistas sobre o modo como nos interessava compreender a docência, a educação, a relação entre arte e educação e a pesquisa. A indissociabilidade e imbricamento entre essas esferas. A potência das experiências com arte, criação e corpo na formação docente. Pistas que também indicavam os desafios envolvidos em disponibilizar o corpo para a experiência. Levantar das cadeiras e modificar a postura de quem “recebe uma formação” para quem cocria. Em uma aula expositiva é possível uma presença mais passiva e, por vezes, até desconectada do que se passa. Mas quando o corpo é mobilizado, é quase impossível escamotear inteiramente a presença.

Esse modo de operar não encontrava ressonância em todas/os. Muitas/os ainda esperavam que o curso disponibilizasse um cardápio de atividades que pudessem ser replicadas nas práticas docentes, em uma perspectiva instrucionista. Também relutavam, por vezes, em dispor o corpo para a experiência, para o desafio do deslocamento, da mobilização da potência criadora. Consequências, pensamos nós com bell hooks (2017), do longo tempo que o corpo veio sendo deixado de fora dos espaços educativos, como se as aprendizagens passassem por fora dele. Isso também nos provocava pensar sobre o que as propostas mobilizaram nas/os participantes e quais necessidades precisávamos considerar para uma possível nova versão do curso.

Finalizado o Curso de extensão “Corpo, arte e natureza” - a primeira versão -, um grupo de participantes, professoras da rede Municipal de Educação do Rio de Janeiro, procurou a coordenação, manifestando o desejo de dar continuidade àquelas experiências. Interessava a elas manter o diálogo próximo com a universidade e, em especial, que este se desse do modo como o curso havia sido conduzido: repleto de experiências estético-artísticas, fruitivas. Esse foi o convite propulsor da criação do FRESTAS - Formação e Ressignificação



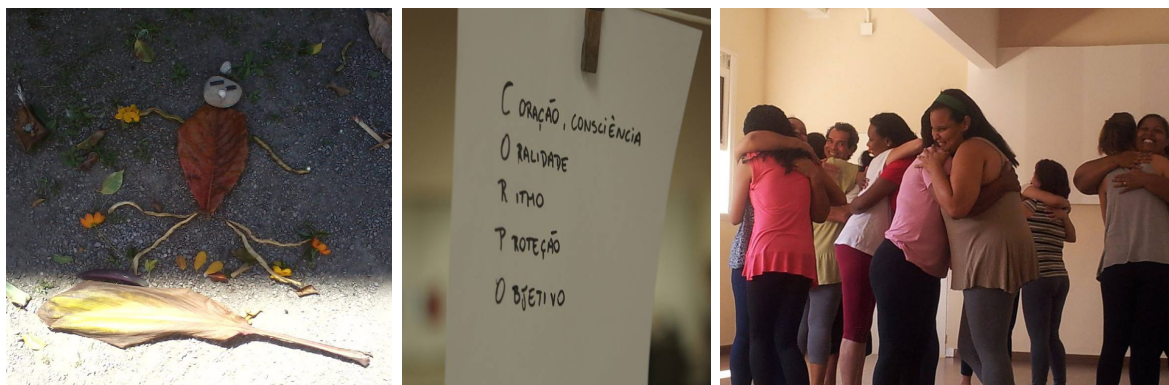
do Educador, Saberes, Trocas, Arte e Sentidos -, nome sugerido pela então integrante Tábatta Andrade e abraçado pelo coletivo que se formava. O projeto de pesquisa e extensão Corpo, Arte e Natureza: investigando metodologias de formação docente, foi cadastrado nos departamentos de Pesquisa e Extensão da UNIRIO e ... nascemos.

Na segunda versão do curso, Greice Duarte e Michelle Dantas Ferreira - participantes da primeira versão, em 2013 -, foram convidadas a integrar a equipe, com a função de serem articuladoras entre as experiências vivenciadas nas oficinas e as perspectivas e possibilidades de pensar maneiras pelas quais, tais experiências poderiam inspirar proposições a serem vividas com as crianças nas escolas. Aqui, não à toa, optamos por utilizar a palavra “inspiração” e “articulação”, fugindo da ideia de que é possível replicar experiências acriticamente. Nosso entendimento e aposta eram de que a partir do vivido, da produção de sentidos sobre ele, se poderia criar, inventar modos de que o que havia reverberado, “escorresse” para o cotidiano das instituições de Educação Infantil.

Ferreira (2021), ao narrar sua experiência no curso de extensão que foi o berço do nascedouro do FRESTAS, afirma que não havia a intenção de uma transposição de conhecimentos, partindo de uma ideia de replicar com as crianças as vivências propostas, pois pontua que “[...] quem dançava era [ela], quem compunha com elementos da natureza era [ela], quem reavivava o [seu] corpo era [ela]. E isso não era reproduzível com as crianças, pois a experiência é única e irrepetível (LARROSA, 2014)” (FERREIRA, 2021, p. 38).

Importante dizer que aqui não há, frisamos, uma comparação que visa ranquear quais seriam então as melhores metodologias de formação docente, desqualificando os muitos modos de fazê-la, as diferentes formas de construção de uma aula/encontro. Trata-se de experimentar, compreender as perspectivas de uma formação que toma o sensível como um componente fulcral. Essa experimentação tem sido então, desde o início, um movimento permanente em nosso grupo.

A partir dela, artesanamos projetos de pesquisa, ensino e extensão que tinham como vetor o processo de retroalimentação permanente entre o que vivemos, o que refletimos no processo de planejar, criar, e colocar em prática nossas propostas e as questões que emergem dessa experimentação permanente. Os estudos que decorrem e acompanham essa movimentação vão também compondo esse percurso. Nos guia o princípio da recursividade (ou do círculo recursivo), que, como nos diz Edgar Morin (2000), traz a dinâmica auto-produtiva e auto-organizacional (seus produtos são necessários para a própria produção do processo, os estados finais são necessários para a geração dos estados iniciais), desde que alimentada por um fluxo exterior.



Figuras 1, 2 e 3: Convites ao/de corpo inteiro. Fonte: Acervo do FRESTAS⁵

Escarafunchando os entres

Sonhar é imaginar horizontes de possibilidades; sonhar coletivamente é assumir a luta pela construção das condições de possibilidades (FREIRE, 2015, p. 15)



Figura 4: Abrindo a Roda, alargando as FRESTAS. Fonte: Acervo do FRESTAS⁶

Algumas experiências muito especiais foram dando substância ao FRESTAS, compondo os entres, estimulando caminhos e invenções. Uma delas daremos destaque. Praticamente no mesmo período em que o Curso de Extensão e o FRESTAS nasceram, aconteciam e cresciam juntos, era inaugurado o Espaço de arte e formação museal “Casa Daros”⁷, coordenado pela arte educadora Bia Jabor e sua equipe.

5 Três momentos de vivências propostas às/aos participantes da primeira versão do curso de extensão, em 2013. A primeira, uma construção coletiva a partir de elementos da natureza. A segunda, propostas que envolviam consciência corporal e a última, possibilidade de contato, criação de vínculos e afetos.

6 Registro fotográfico da primeira reunião do, então recém nascido, grupo FRESTAS, realizada em uma sala da UNIRIO.

7 A Casa Daros abriu suas portas ao público no dia 23 de março de 2013. Sua trajetória, porém, começou sete anos antes, com a compra – por parte do conselho da Coleção Daros Latinamerica – do casarão tombado pela Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro desde 1987, situado a Rua General Severiano 159, no tradicional bairro de Botafogo, Zona Sul da

Na época, fomos em grupo e também isoladamente em muitas das atividades formativas oferecidas pela Casa, especialmente porque percebemos que seu modo de trabalhar convergia com o que estávamos experimentando como coletivo que ganhava força. O projeto pedagógico da Daros se fundamentava no trabalho da rede aeioTU - uma rede social colombiana que trabalha com comunidades e que tem na arte um dispositivo central para o trabalho com crianças - e também nas experiências das escolas de Educação Infantil do nordeste da Itália, a região de Reggio Emília, que tem na arte uma centralidade e cuja experiência vem sendo largamente difundida no Brasil há cerca de 30 anos, aproximadamente. Eram referências inspiradoras e que dialogavam/dialogam com o modo como pensávamos/pensamos infância, arte e educação. Redes que nos fortaleciam e, de certo modo, fortalecem, ampliando diálogos⁸.

Em quase todas as formações havia alguma fresteira - forma carinhosa como passamos a nomear as integrantes do grupo. Aprendemos muito na aproximação com o projeto formativo da Daros.

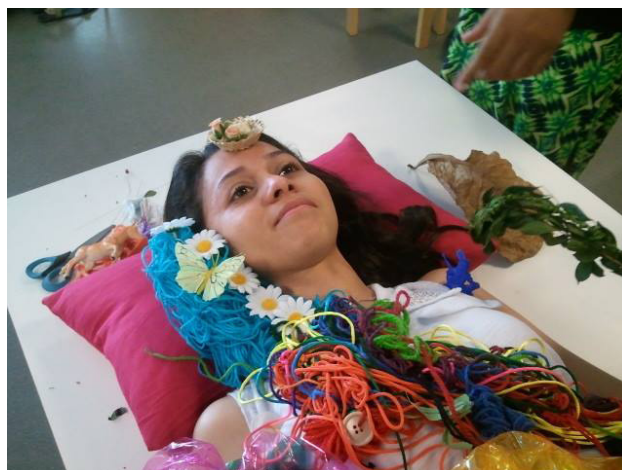


Figura 5: Experimentando Ilusões. Fonte: Acervo FRESTAS⁹

Assim, inspirado, o Grupo ia também se ampliando em novas configurações. O projeto de pesquisa e extensão cadastrado na UNIRIO, começava a participar dos editais internos para concessão de Bolsas de Ensino, Extensão, Iniciação Científica e Bolsas de

cidade. O projeto gestado por um grupo suíço, dono de uma das mais significativas coleções de arte contemporânea latino-americana, tinha por objetivo fazer com que esse acervo fosse conhecido internacionalmente, proporcionando possibilidade e visibilidade para que a América Latina conhecesse a si mesma. (FERREIRA, 2017). Infelizmente, fechou em 13 de dezembro de 2015 e hoje, suas instalações são ocupadas por uma instituição educacional. Para um maior diálogo sobre a relação entre infância, formação docente e museus, sugerimos: FERREIRA, 2015; FERREIRA, 2020; FERREIRA; GUEDES, 2021.

⁸ Vale dizer que quando a Casa Daros fechou suas portas fomos convidadas, como grupo, a participar de um evento para compartilhar os percursos formativos vividos em conjunto.

⁹ Registro de uma das proposições do encontro formativo mensal que acontecia na Casa Daros, intitulado "Arte e Aprendizagem na Primeira Infância" voltado para profissionais da educação. Na foto, Edilane Oliveira, fresteira fundadora do grupo e uma das autoras desse texto, experimentando uma proposta inspirada na obra de Luis Camnitzer, presente na exposição Ilusões, que tinha como intuito perceber o corpo e suas extensões no espaço.



Incentivo Acadêmico. Integrávamos os Programas de Iniciação à docência (Pibid) dentre outras atuações. Pesquisadoras voluntárias também nos procuravam desejando participar. Algumas ficavam por um tempo e saíam, outras se mantinham. Havia também o fluxo próprio de estudantes que percorriam o tempo da graduação na qualidade de bolsistas, se formavam e não necessariamente continuavam integrando o grupo. Esse fluxo de idas e vindas também ia alterando, ampliando, dando novos ritmos e qualidades ao FRESTAS. Os ajustes de ser coletivo eram e seguem sendo um desafio. Despedidas, saudades dos que vão, alegria com os que chegam, desencontros, afetos, parcerias. Atritos, afetos, amores. Turbulências e presenças que alteram rumos e ritmos, como os encontros costumam fazer. Acontecimentos que nos ensinaram a sabedoria de Manoel de Barros (2019, p. 17), na qual tudo é “matéria de poesia”, de invencionice, de criação, de (trans)formação.

Desde o seu início, tínhamos o desejo de ser um grupo em que coubesse pesquisar os assuntos e temas que inquietavam as participantes. Muitos nascidos de suas experiências cotidianas nas escolas em que atuavam - no caso das professoras. Em comum, o *guarda-chuva* da Educação Estética/Educação do Sensível, da Corporeidade, do estreitamento do diálogo entre educação e arte, o interesse pelos estudos da Infância e da Formação Docente. Compreendemos a dimensão estética na educação, tema que temos estudado e cujo entendimento não se esgota, como um aspecto do humano que tem sido relegado nas instituições escolares, em nome de uma educação do intelecto. Educação estética tem relação com um modo dos sujeitos agirem perante o mundo, estabelecendo uma relação sensível, de beleza, relação que está se ampliando para outros campos que não somente o da arte-educação (Duarte Júnior, 2006). Compreendemos que a sensibilidade e a criatividade não se restringem ao espaço da arte. Criar é algo interligado a viver, no mundo humano, sendo a estética uma dimensão da existência, da ação humana.

A partir desses temas de interesses mencionados acima, íamos nomeando os assuntos que nos afetavam e, pouco a pouco, compreendendo que compunham campos de investigação. Nos aproximávamos de produções que dialogavam com “nossos temas”, produzíamos também nossos primeiros artigos, relatórios de pesquisa, projetos e subprojetos de Iniciação Científica. Apresentávamos trabalhos em eventos científicos, buscando articular conteúdo e forma. Inventando modos de pesquisar afetos aos nossos pressupostos. Os desejos eram múltiplos e nascemos com a vocação de abraçá-los, de garantir que encontrassem no grupo espaço para se expandirem. Isso era e segue sendo um desafio: articular desejos, fomentar autonomias, criar em coletivo. Passos que entram em compasso e descompasso e que vão, assim, desenhando o percurso que temos trilhado. Vamos aprendendo também nos embates, na lida com as diferenças entre nós.

A autonomia na condução do coletivo é sempre um tema presente. Exercício necessário que nos confronta a deslocamentos de uma posição de maior dependência da



condução externa e da construção de um coletivo em que efetivamente todas/os estejam envolvidas/os, ainda que de diferentes formas, nas atividades desenvolvidas. Dentre elas, estão as composições das dissertações de mestrado que nosso Grupo passou a invencionar, a partir de nossa entrada no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEdu) da UNIRIO. Entrada esta, que se deu com o credenciamento da professora Adrianne Ogêda à linha de pesquisa “Práticas Educativas, Linguagens e Tecnologias”, em 2018.

Atuar em mais esta frente mobilizou um novo olhar para as entranhas do grupo. Foi um período de questionarmos as estruturas que nos sustentavam até aquele momento, de estranhar hábitos e olhares acostumados, nos aventurar no desconhecido, reorganizar ações, mover desejos, cutucar vontades e, mais uma vez, nos (trans)formar, de modo a acolher esse inesperado e criar com ele outras formas de ser grupo, de pesquisar, de viver e dar a ver as pesquisas que fomos construindo. Dessa forma, fomos nos reinventando e aprendendo a ser um grupo de pesquisa na Pós-Graduação, sendo, sentindo, experienciando coletivamente esse novo desafio e essa nova roupagem.

Dentre todas as coisas que vivemos: reorganização de encontros, formatos, horários, proposições de ações em outros espaços, aumento na produtividade, desafios de sistematizar e questionar os rumos dessa sistematização sobre nossas pesquisas, entender e subverter lógicas hegemônicas de pesquisar e compreender a pesquisa, cremos ser fundamental destacar a força do afeto e o poder da coletividade, pois há uma boniteza nos laços que fortalecemos, nas trocas que dia a dia (re)pactuamos, nas investidas nos textos uma das outras, na tessitura das apresentações, nas palavras de encorajamento e força proferidas, nas sugestões de leitura e envio de materiais, no dar as mãos e caminhar verdadeiramente juntas/os, que nos agiganta e potencializa. Assim, buscamos romper com lógicas egocêntricas, com individualismos, com hierarquizações que acabam por estimular a concorrência, a meritocracia, os destaques individuais, o adoecimento das relações. E vamos semeando isso em cada nova/o integrante que nos chega, ampliando e fortalecendo esse grupo que vai se (re)constituindo em comunhão.

As primeiras mestrandas chegaram vivendo as dores e delícias dos inícios. Edilane Oliveira da Silva e Michelle Dantas Ferreira - ambas também autoras desse texto - abriram caminho para a presença do FRESTAS na Pós-Graduação em Educação. Esta foi uma parceria forjada na presença, na escuta atenta, no olhar amoroso e regada à muita sintonia. A temática de uma formação docente planejada, articulada e proposta no interior das instituições educacionais em que trabalhavam, por quem atuava nessas instituições, ou seja, a partir de dentro (IMBERNÓN, 2010), pulsou nas duas dissertações.

Michelle mergulhou na relação com a arte, a partir de proposições formacionais (MACEDO, 2020) a um grupo de profissionais do Centro Integrado de Educação Pública (CIEP) no qual trabalhava/trabalha e atuava/atua como participante da gestão. Foram no



total 13 vivências formacionais de cunho estético e artístico, experienciadas em meio à pandemia de Covid-19¹⁰ e, por isso, enviadas semanalmente em um grupo de WhatsApp¹¹ criado especificamente para este fim, por meio de convites elaborados especialmente para cada uma das proposições, que envolviam as múltiplas linguagens artísticas e convocavam os sentidos, a presença, os silêncios e o encontro destas/es profissionais consigo mesmas/os (FERREIRA; GUEDES, 2021; FERREIRA, 2022; SILVA; FERREIRA; BEMVENUTO, 2022; FERREIRA; GUEDES, 2022a). Estas propostas contemplavam registros que foram terreno fértil para a pesquisa e nascedouro de um corpo cartográfico e uma cartografia dos senti[r]dos (FERREIRA, 2022; FERREIRA; GUEDES, 2022b), que fazem emergir uma professora-pesquisadora-artista (FERREIRA; BEMVENUTO, 2022) que segue em experimentação.

As investigações tecidas por Edilane dão visibilidade aos processos formacionais (MACEDO, 2020) vivenciados em uma Creche Municipal do Rio de Janeiro, na qual atua há 15 anos. Narra a construção da história desta Unidade e como foi se construindo em um coletivo potente, a partir do grupo de educadoras que juntas, criaram/criam espaços-tempos de escuta e formação em seu interior, culminando com a realização dos Seminários de Autoformação Docente (SILVA, 2021; GUEDES; SILVA, 2022). Espaços de compartilhamento de experiências e reflexões dialogadas coletivamente, sobre e com práticas vivenciadas no interior da instituição, sendo um rico convite para a ação. Assim como a Professora-Pesquisadora Edilane foi experimentando modos outros de praticar sua docência, a partir de experiências mobilizadoras no FRESTAS; as educadoras da Creche foram escavando espaços-tempos de respiros, escutas, formação em diálogo, dada a escassez de tempo para encontros de formação coletiva no calendário oficial da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro (SME-RJ).

As pesquisas elaboradas por Michelle e Edilane encontram, desde o campo de estudos, as dissertações de Vitória Bemvenuto (também autora deste texto) e Bianka Barbosa - as duas pesquisadoras selecionadas no segundo processo para o mestrado que o FRESTAS participou no PPGEdu. Isto porque, tanto Vitória quanto Bianka compuseram suas pesquisas em conjunto com as/os educadoras/es do CIEP e da Creche em que trabalham, respectivamente, Michelle e Edilane. Além dessa aproximação, as quatro dissertações investigaram a temática da formação docente continuada e, ao mesmo tempo, da autofor-

10 A doença é causada por um vírus chamado Sars-CoV-2, que pertence a uma família de coronavírus, nome dado pelo seu formato de coroa. Muitos dos coronavírus são conhecidos pela ciência, desde 1937, quando o primeiro deles foi isolado em humanos. A Covid-19 traz um quadro que pode variar de infecções assintomáticas a graves quadros respiratórios. Seu contágio é feito pelas vias respiratórias e mucosas e por contato com pessoas infectadas. Para mais informações, ver: <https://coronavirus.saude.gov.br/sobre-a-doenca#o-que-e-covid>.

11 Aplicativo gratuito de mensagens instantâneas e chamadas de voz e vídeo para celular, que permite o compartilhamento de documentos, imagens e vídeos em tempo real, bem como a organização individual ou em grupos dos contatos que se comunicam a partir de uma conexão com a internet.



mação, já que tiveram como metodologia comum a Pesquisa Narrativa (Auto)biográfica.

Vitória, assim como Michelle, fez de sua pesquisa, inspirada em Conceição Evaristo (2020), uma Escrivivência. À medida em que foi se assumindo como sujeita, professora e pesquisadora em constante formação, foi também refletindo a respeito de que: a maneira pela qual veio formando-se até aquele momento era indispensável ao modo como exerce/exerceria sua docência. Diante disso, teve como objetivo de pesquisa experimentar uma mudança do sentido e da direção de formação docente, aproximando dois campos de conhecimento com diferentes matrizes filosóficas: o Yoga, do Oriente, e a Educação Estética, do Ocidente. Mudança de sentido que teve a ver com desviar de uma lógica formativa adestradora e coercitiva (FOUCAULT, 2020) voltada, muitas vezes, à razão e às informações em detrimento de uma formação de corpo inteiro que vise o conhecimento e a autonomia (hooks, 2017; FREIRE, 2021; VIVEKANANDA, 2007; DUARTE JUNIOR, 2000), para criar “[...] uma formação singular, que comece e se desenvolva ao considerar as subjetividades de cada pessoa envolvida” (BEMVENUTO, 2022 p. 27) e para isso, compreendeu ser central que como professoras/es, vivêssemos a experiência de um processo formativo que nos mobilizasse nessa direção.

Nessa trilha, Bianca também construiu sua dissertação e o fez a partir da íntima relação que já tecia, desde muito tempo, com a arte da palhaçaria. Munida suas duas “eus”: Bianca - a professora-pesquisadora - e a palhaça Marchalenta, propôs encontros com dois grupos de educadoras/es: um do CIEP e outro da Creche com o intuito de defender “[...] que a formação docente seja fruto dos sonhos, desejos e necessidades das educadoras, a partir de suas próprias vozes.” (PENHA, 2021).

Os estudos sobre o pensamento poético e a potencialidade dos fazeres artísticos na educação tecem junto ao grupo de estudos Investigar o poético, coordenado pela professora fresteira Priscilla Menezes¹², modos sensíveis e subversivos no fazer-pesquisa, na compreensão da própria pesquisa como um processo de criação. Estes estudos têm encharcado as pesquisas de mestrado mais recentes, onde articulam-se práticas artísticas e docentes das sujeitas pesquisadoras, em suas linguagens de atuação: dança, artes visuais e literatura.

Carolina Cony, um das autoras deste trabalho, propõe uma pesquisa ligada ao seu modo de criar em processos artísticos, através da linguagem da dança. Uma pesquisa não “sobre”, nem “com”, mas “como” dança, que carrega em si elaborações móveis, como em uma improvisação, que por si só é investigativa. Ela desliza e se desloca através do movimento dançado, sendo elaborada a partir de ensaios, experimentações e composições em dança, as quais se apresentam como uma epistemologia movente. A dissertação se

12 Artista e Professora do componente curricular “Arte e Educação” do curso de graduação em Pedagogia da UNIRIO, co-coordenadora do FRESTAS e coordenadora responsável pelo grupo de pesquisa “Investigar o Poético”.



apresenta por meio da imagem do caderno de artista, objeto afetivo do processo, que convoca a experimentação, expondo os fragmentos, rascunhos, elaborações sinuosas e não definitivas, como um gesto contínuo, dando suporte para uma pesquisa como dança. Uma pesquisa que se fundamenta nos gestos miúdos, nas narrativas e no próprio ato de pesquisar com arte.

Buscando ampliar as margens da razão, educando-a como razão criativa (ANTONIO, 2009) na elaboração de um pensamento que “[...] pensa o mundo enquanto inventa, compreende-o enquanto o produz” (FARIA, 2022, p. 100), Virna Bemvenuto, também autora deste texto, tem sua pesquisa mobilizada pelas aparições de percurso: com abordagem cartográfica, toma as imagens oriundas do cotidiano escolar como conceitos que deflagram precarizações, ao mesmo tempo que operam poeticamente para a invenção de outros modos de atuação no espaço escolar. Elabora uma práxis poético-pedagógica como estratégia de amolecimento das práticas instituídas e desvitalizantes. Propõe, assim, a escola como lugar de criação desde o corpo na relação com as materialidades. Da ruína ao micélio - a primeira, imagem disparadora do projeto de pesquisa, a segunda, aparição no processo; a primeira, oriunda de um escombros de demolição para construção de uma sala de aula, a segunda, revelada na parede da sala de aula a partir da queda do quadro branco, aposta-se na potência de vida emergente que se anuncia implacável a despeito das políticas de morte que nos cerceiam, nos convidando a pensar nas unidades necessárias para a proliferação do que queremos fazer viver. De outra maneira, pesquisa como criação também trama o fazer de Luciana Quintal, que lança o olhar para a prática de suas Relatorias Poéticas. Pensando questões relativas a noção de dispositivo, montagem, edição e um possível gênero literário inaugural que faz enquanto relato e, ao mesmo tempo, como poesia. Um fazer que pressupõe presença e escuta ativa para tecer poeticamente um texto a partir das falas dos que se reúnem, seja nas reuniões de estudo, seja nas aulas, proposições e oficinas. Um fazer que devolve as palavras ao céu da boca de quem as disse, que instaura na polifonia da diversidade um corpo coletivo.

Desde já é importante dizermos que a artesanaria das dissertações desenvolvidas no FRESTAS acontece a muitas mãos. Isso significa que os processos de escrita, as elaborações das narrativas e as experiências de cada mestranda, são compartilhadas com o grupo, construindo modos coletivos de pesquisa, sem abandonar os modos de ser de cada pesquisadora, suas histórias, vivências e questões. Desse modo, a autoria tem sua relevância, mas sem perder de vista, uma constelação de ideias, olhares, escutas e “pitacos” que aguçam as pesquisas. Concordando com Simas e Rufino (2019, p. 32), acreditamos que “por mais que os seres sejam marcas pessoais, inscrições individualizadas no mundo [...] as suas ações são sempre relativas ao outro [...]” e, por isso, enxergamos muito mais sentido em trabalhar, por exemplo, com processos de orientação coletiva.



Explicamos: com a formação do grupo de mestrandas, conforme os processos seletivos do PPGEdU foram acontecendo, fomos colocando em cena a prática de lermos os projetos com que cada uma entrava no FRESTAS, começávamos a conhecer os sonhos umas das outras desde ali. Sempre pedindo licença para entrar, conforme construíamos um ambiente seguro de partilha, fomos compondo ideias entre os trabalhos nas reuniões regulares do grupo. Nesse movimento, os projetos de qualificação de cada mestranda foram sendo elaborados por meio de uma abertura às palavras, sugestões, troca de caminhos e inspirações que o coletivo ofertava. Assim, também se deu a trilha após as qualificações, as mudanças de estratégias nos campos de estudos umas das outras, a composição final das pesquisas - desde como seria o ato final da defesa até a entrega, a forma física, do texto. Uma estrutura e metodologia de orientação que borra, desloca, subverte, a figura única de “orientador/a” e de “orientando/a” e que nos potencializa, a todas/os, como orientadoras/es-orientandas/os, em uma dinâmica recursiva na qual somos ensinantes-aprendentes.

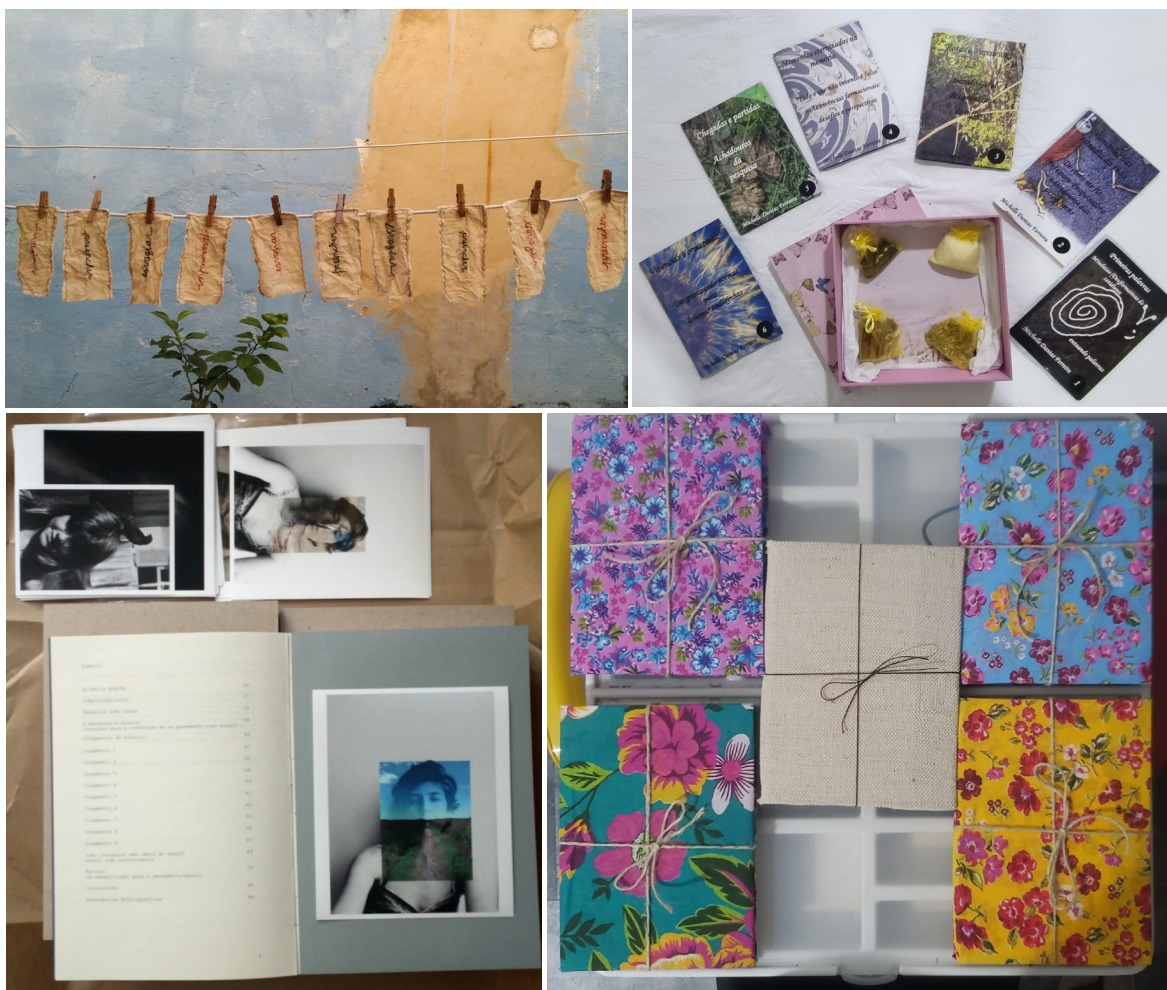
Constelando com o que Bemvenuto (2022, p. 74) afirmou em sua dissertação, reconhecemos

[...] o/a sujeito que, na condição de ser coletivo/a, caminha com gentes que vieram antes e que estão juntas com ele/a agora. Conversa e se educa com presenças do passado e do presente que o/a evoca para outras maneiras de ser (SIMAS e RUFINO, 2019), para provocar-se no gerúndio e, então, estar sendo.

Nesse sentido, o grupo de mestrandas na parceria com nossa orientadora, a professora Adrienne Ogêda Guedes - autora também deste texto -, as/os sujeitas/os participantes do campo de estudo das pesquisas, as demais pessoas com as quais experienciamos a vida e a relação com todos os outros seres além de humanos, são também coautoras/es das dissertações de mestrado criadas no FRESTAS. Acreditando que é no ato de “multiplicar o um ao infinito” (SIMAS e RUFINO, 2019, p. 57), reconhecendo a dimensão pessoal e coletiva de sermos sujeitos/as-pesquisadores/as-professores/as-artistas, tudo em uma palavra só, firmamos que não andamos, não criamos, não pesquisamos, não construímos ciência sozinhas/os. Aprendemos desta maneira com Paulo Freire (2021, p. 42) que: “a assunção de nós mesmos não significa [portanto] a exclusão dos outros. É a ‘outredade’ do ‘não eu’, ou do ‘tu’, que me faz assumir a radicalidade do meu eu”.

Provocadas a inventar modos de fazer dialogar conteúdo e forma, compreendendo sua indissociabilidade e também, na perspectiva da Educação Estética e da Poética, que a materialidade também traz em si sentidos, provoca leituras, convida à fruição, experimentamos desde a primeira dissertação, criar modos de materializar a pesquisa que

conversassem com as questões que estavam ali pulsando. Nas imagens abaixo, as produções das dissertações realizadas até aqui.



Figuras: 10, 11, 12, 13¹³

Escarafunchando os agoras

O Frestas vem sendo um espaço-tempo de acolhimento, com olhar afetuoso para o outro e uma profunda escuta que se esparrama pelo corpo todo (PENHA, 2021) para a formação, permeado por experiências sensíveis. Esse tem sido um campo, como demos a ver até aqui, no qual temos atuado com maior ênfase: seja em propostas de cursos de extensão abertas a participantes interessadas/os nos temas que abraçamos, seja investigando os espaços institucionais em que trabalhamos (cursos universitários, escolas, creches), seja criando dissertações fora da fôrma, experimentando imersões em residências artísticas....

¹³ Imagem autoral que compõem a pesquisa da mestranda Vitória Bemvenuto. Trata-se de um registro dos travesseirinhos de olhos que ela enviou junto do texto final da dissertação à banca examinadora. Os tecidos dos travesseirinhos estão secando ao sol, no quintal de sua casa, depois de serem bordados por ela, sua mãe, sua irmã e sua sogra. Foram escritos em linha as palavras “esvaziar” e “preencher” - o significado de Yoga usado pela autora na construção de seu estudo. Os tecidos, posteriormente, foram passados e recheados com uma mistura de ervas aromáticas, dentre elas: camomila, lavanda e alecrim.



Temos percebido ao longo desses 10 anos, o quanto o contato com essas experimentações tem reverberado nas práticas dentro das instituições, pois as investigações tecidas ao longo do percurso nos trazem esses retornos, e nós, autoras do texto, somos partícipes, e fomos modificando nossas práticas a partir de dentro das instituições (IMBERNÓN, 2010).

Nesse sentido, queremos continuar seguindo, apostando em algo que dissemos lá nos inícios: não nos interessa propor vivências para que sejam replicadas de forma acrítica, sem sentido (seja entre de docentes para crianças, seja de estudantes para sua realidade formativa), pois compreendemos que ao possibilitarmos o contato com a perspectiva de uma Educação sensível, com escuta e olhar ampliados, com as diferentes linguagens artísticas, os sentidos, as memórias, o corpo são aguçados, os sentimentos, as trajetórias, os desconfortos, as angústias, as alegrias, as dúvidas são validadas, juntas/os à um coletivo no qual é possível refletir coletivamente, aprofundar inquietações, agir com mais autonomia e isto nos anuncia que os caminhos que temos escolhidos têm sido grávidos e ricos nesse processo de (des)formação.

Na trilha dos agoras, o FRESTAS segue muito atento aos inéditos-viáveis: categoria Freiriana que se caracteriza, conforme Bemvenuto (2022, p. 167) como

um dever de algo que parece impossível, mas não é, “que o sonho utópico sabe que existe” (FREIRE, A., 2018, p. 278) e que vem para inaugurar novas possibilidades, nos convocando a perceber os obstáculos que nos condicionam e precisam ser superados.

Conectado a ela, vamos, no e nas/pelas FRESTAS, criando ações de pesquisa, ensino e extensão comprometidas com a educação, a docência, a arte, a formação, com as/os sujeitas/os e experiências que possam romper com as situações que nos limitam, que inaugurem modos outros de viver, e viabilizem a assunção de uma sociedade que opere de maneira ética, política e estética. Implicadas, assim, continuaremos criando hoje, no agora, aquilo que queremos ver brotar, germinar e florescer adiante.

Dentre as sementes está a de vivenciar processos artísticos como potência desviante. A confiança de que caminhar pelos meandros da experimentação sensível, como processo (de)formador, potencializa o estado de presença, de abertura às invenções e à escuta. Sonhando-os e praticando-os desde agora, acreditamos que por meio deles, continuaremos a descobrir modos mais inventivos de estar juntas/os, possibilitando a percepção das performatividades que os espaços formativos e que as gentes que os criam promovem constantemente.



Figura¹⁴. Fonte: Acervo do Grupo

Considerando o que nos ensina Ana Maria Freire (2010, p. 383), o inédito-viável carrega em si a expressão “[...] afetiva, cognitiva, política, epistemológica, ética e ontológica, os projetos e os atos das possibilidades humanas”. Na trama dessas expressões, que nos mantêm confiantes na força das diversas poéticas que habitam uma formação - uma escola, uma universidade, um grupo de pesquisa, um curso de extensão, uma conversa - afirmamos que elas surgem dos encontros entre as gentes, nos imprevistos do dia a dia, nos desvios que são inventados, elaborados e criados em coletivo, das fricções com o mundo. O lugar do sensível na formação docente é vitalizante, desviante e subversivo. Ao propor um corpo que sente como força mobilizadora de pesquisa e criação, um corpo estesiado, que vibra com aquilo que sente e move-se pelas perguntas que o encontram, abre-se a possibilidade de outros modos de viver a prática da formação docente e em seus múltiplos desdobramentos no campo da educação.

Desse modo, nos fazemos FRESTAS desde os inícios, os entres, nos agora e adiante: mantendo um compromisso político, ético e estético com a formação de professoras/es compreendendo-as/os gentes, antes de tudo, e, por isso, abrindo espaço para vivências que sejam terreno fértil para a reafirmação de práticas, ou até mesmo, ser espaço de recriação, formações, trabalhos, sonhos, escolas e vir a ser.

Referências

- ANTÔNIO, Severino. **Uma nova escuta da educação e do conhecimento: diálogos com Prigogine, Morin e outras vozes**. São Paulo: Paulus, 2009.
- BARROS, Manoel de. **Matéria de Poesia**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2019.
- BEMVENUTO, Vitoria da Silva. **Esvaziar para preencher: experiências (trans)formativas de educadoras**. 2022. 210 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.
- COFFERRI, F. F. ; BORGES, D. S. **Contribuições do pensamento complexo para pensar a motivação na**

¹⁴ Ação performativa “Conversa Fiada”, proposta por Virna Bemvenuto em uma residência artística do FRESTAS.



- docência universitária.** In: Seminário Internacional Pessoa Adulta, Saúde e Educação, 2018, Porto Alegre. Anais do IV SIPASE [recurso eletrônico], 2018. v. 1. p. 1-12.
- ESQUIROL, Josep Maria. **Humano, más humano. Una antropología de la herida infinita.** Barcelona, Acan-tilado, 2021.
- FARIA, Priscilla Menezes de. **O pensamento poético como estratégia de reencantamento do mundo.** Arte & Ensaios, Rio de Janeiro, PPGAV-UFRJ, v. 28 n. 43, p. 88- 105, jan.-jun. 2022. ISSN-2448-3338. DOI: <https://doi.org/10.37235/ae.n43.5>. Disponível em: <http://revistas.ufrj.br/index.php/ae>.
- FERREIRA, Luciana Haddad, **Educação estética e prática docente : exercício de sensibilidade e forma-ção.** Campinas, SP: [s.n.], 2014.
- FERREIRA, Michelle Dantas. **Museus e crianças pequenas: uma relação encantadora.** Anais II CONEDU... Campina Grande: Realize Editora, 2015. Disponível em: <<https://www.editorarealize.com.br/index.php/artigo/visualizar/16310>>. Acesso em: 09/07/2023 18:18.
- FERREIRA, Michelle Dantas. **Museus e crianças pequenas: uma relação encantadora - A Casa Daros en-cantando crianças e professores.** 2017. 101 f. Monografia (Graduação em Pedagogia) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.
- FERREIRA, Michelle Dantas. **Museus e crianças pequenas.** Ipa Brasil Blog. jul. 2020. Disponível em: <https://www.ipabrasil.org/post/museus-e-crian%C3%A7as-pequenas>.
- FERREIRA, Michelle Dantas. **Miudezas (Des)Formativas do/no cotidiano: experiências estéticas e artísti-cas em um coletivo de educadoras/es.** 2021. 160f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universi-dade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.
- FERREIRA, Michelle Dantas. **Cartografias dos Senti[r]dos: anestesiando uma pesquisa em educação.** In: REUNIÃO REGIONAL – ANPED, 15, 2022, Belo Horizonte. Anais. Instituições Federais de Ensino Supe-rior (IFES), 2022. Disponível em: <http://anais.anped.org.br/regionais/p/sudeste2022/trabalhos>.
- FERREIRA, Michelle Dantas. **Inéditos Viáveis: por uma formação docente encarnada no cotidiano.** In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL AS REDES EDUCATIVAS E AS TECNOLOGIAS, 11, 2022, Rio de Janeiro. Anais. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2022. Disponível em: <https://www.seminarioredes.com.br/adm/trabalhos/diagramados/TR254.pdf>.
- FERREIRA, Michelle Dantas; GUEDES, Adrianne Ogêda. **Museus e instituições educacionais de Educação Infantil: infâncias, crianças e famílias na relação.** In: FERNANDES, Renata Sieiro; GOUVEIA NETO, João Costa; POSCA, Luís Muller. ARTE E EDUCAÇÃO: encontros investigativos na contemporanei-dade. Parnaíba: Acadêmica Editorial, 2021. Disponível em: <https://publicacoes.even3.com.br/book/arte-e-educacao-encontros-investigativos-na-contemporaneidade-292445>.
- FERREIRA, Michelle Dantas; GUEDES, Adrianne Ogêda. **(Des)caminhos de uma pesquisa em educação estética: despraticando as normas para lecionar andorinhas.** In: REUNIÃO NACIONAL – ANPED, 40, 2021, Pará. Anais. Universidade Federal do Pará, 2021. Disponível em: http://anais.anped.org.br/p/40reuniao/trabalhos?field_prog_gt_target_id_entityreference_filter=All&field_prog_gt_target_id_entityreference_filter=All&field_prog_codigo_value=&field_prog_categoria_target_id=All&com-bine=&combine_1=Michelle+Dantas+Ferreira.
- FERREIRA, Michelle Dantas; GUEDES, Adrianne Ogêda. **Inéditos Viáveis: por uma formação docente encar-nada no cotidiano.** In: CONGRESSO DA FEDERAÇÃO DE ARTE EDUCADORES DO BRASIL, 31, CON-GRESSO INTERNACIONAL DE ARTE-EDUCADORES, 11, 2022, Juiz de Fora. Universidade Federal de Juiz de Fora, 2022a.
- FERREIRA, Michelle Dantas; GUEDES, Adrianne Ogêda. **Corpo Cartográfico: o visível e o invisível na poé-tica do cotidiano.** In: CONGRESSO DA FEDERAÇÃO DE ARTE EDUCADORES DO BRASIL, 31, CON-GRESSO INTERNACIONAL DE ARTE-EDUCADORES, 11, 2022, Juiz de Fora. Universidade Federal de Juiz de Fora, 2022b.
- FERREIRA, Michelle Dantas; BEMVENUTO, Vitória da Silva. **Pesquisa-Arte-Formação: assunção de Pro-fessoras-Artistas.** In: REUNIÃO REGIONAL – ANPED, 15, 2022, Belo Horizonte. Anais. Instituições Federais de Ensino Superior (IFES), 2022. Disponível em: http://anais.anped.org.br/regionais/sites/default/files/trabalhos/54/11774-TEXTO_PROPOSTA_COMPLETO.pdf.
- FREIRE, Ana Maria Araújo. **Inédito-viável.** In: Danilo R. Streck Euclides Redin, Jaime José Zitkoski (Orgs.). Di-cionário Paulo Freire. 2. ed. rev. amp. 1. Reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do oprimido.** 24. ed. São Paulo/ Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia dos sonhos possíveis.** Rio de Janeiro: Paz e terra, 2015. [Recurso digital]
- GUEDES, Adrianne Ogêda; VIEIRA, Nuelna; QUINTANILHA, Moema. **Formação estética: em busca do sen-**



- sível. In: GRUPO DE PESQUISAS SOBRE CRIANÇAS E INFÂNCIAS - GRUPECI, 4, 2014, Goiás. Anais. Universidade Federal de Goiás, 2014. Disponível em: <https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/693/o/TR09.pdf>.
- GUÉDES, Adrianne Ogêda; VIEIRA, Nuelna. **Formação estética do professor da educação infantil: a experiência do curso de extensão da UNIRIO**. Revista @mbienteeducação, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 192-201, 2018. DOI: 10.26843/v.8, n. 2, 2015, p. 192 - 201. Disponível em: <https://publicacoes.unicid.edu.br/ambienteeducacao/article/view/525>.
- GUÉDES, Adrianne Ogêda. **Corpo, Arte e Natureza: caminhos da formação marcados em registros de um curso de extensão**. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO - ENDIPE, 18, 2016, Cuiabá. Anais. Mato Grosso: Universidade Federal de Mato Grosso, 2016. Disponível em: https://d350c47f-62f0-48ac-aab8-3dd9194a4610.filesusr.com/ugd/fd8b07_fcccb6104f454310b023bf-f34514317f.pdf.
- GUÉDES; Adrianne Ogêda; FERREIRA, Michelle Dantas. **Formação sem fôrma: a singularidade de ser professor da Educação Infantil**. Educação, Porto Alegre, v. 43, n. 1, p. 1-12, jan./abr. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.15448/1981-2582.2020.1.29757>
- HOOKE, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.
- IMBERNÓN, Francisco. **Formação continuada de professores**. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- LAROSSA, Jorge. **Tremores: escritos sobre experiência**. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.
- LONGAREZI, Andrea Maturano; SILVA, Jorge Luiz da. **Pesquisa-Formação: um olhar para sua constituição conceitual e política**. Revista Contrapontos. v.13, n. 3, p. 214-225. Set./dez., 2013.
- MACEDO, Roberto. **Formação de professores, educação online e democratização do acesso às redes**. Congresso Virtual. Canal da TV UFBA no YouTube, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UDOKrPkHBiY>.
- MATTAR, Sumaya. **O lugar do relato autobiográfico no sistema formativo Cartografias de si**. Revista Digital do LAV, Santa Maria, v. 11, n. 2, p. 259 - 273, mai./ago. 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5902/1983734832833913>. Acesso em: 25 de fevereiro de 2021.
- MBEMBE, Achille. **Necropolítica. Arte & Ensaios**. Revista do ppgav/eba/UFRJ, Rio de Janeiro, n. 32, dez. 2016. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/ae/article/view/8993/7169>.
- MORIN, Edgar. **Da necessidade de um pensamento complexo**. In: Francisco Menezes Martins e Juremir Machado da Silva (org), Para navegar no século XXI. Porto Alegre: Sulina/Edipucrs. 2000.
- PENHA, Bianca Barbosa. **Narrativa itinerante de uma Professora Palhaça**. 2021. 131p. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Programa de Pós Graduação em Educação, Rio de Janeiro, 2021.
- ROSA, Carolina Cony Dariano da. **Caderno de uma artista pesquisadora**. 2023. 120p. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Programa de Pós Graduação em Educação, Rio de Janeiro, 2023.
- SALLES, Cecília Almeida. **Gesto inacabado: processo de criação artística**. São Paulo: FAPESP: Annablume, 1998.
- SANTOS, Bianca Fernandes dos; SILVA, Greice Duarte de Brito; FARIAS, Izabel Cristina Costa de. **Pelo respeito às vontades do corpo na formação dos professores e no cotidiano da Educação Infantil**. In: GUÉDES, Adrianne Ogêda; VIEIRA, Nuelna; QUINTANILHA, Moema. **Formação estética: em busca do sensível**. GRUPO DE PESQUISAS SOBRE CRIANÇAS E INFÂNCIAS - GRUPECI, 4, 2014, Goiás. Anais. Universidade Federal de Goiás, 2014. Disponível em: <https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/693/o/TR09.pdf>.
- SILVA, Edilane Oliveira da. **FORMAÇÃO DE PROFESSORAS NA/DA CRECHE: ouvir a si e ouvir o outro na construção de uma experiência coletiva**. 2021. 124f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.
- SILVA, Edilane Oliveira da. **Seminários de (auto) formação: esperar a partir de dentro da Educação Infantil**. In: REUNIÃO NACIONAL - ANPED, 40, 2021, Pará. Anais. Universidade Federal do Pará, 2021. Disponível em: http://anais.anped.org.br/p/40reuniao/trabalhos?field_prog_gt_target_id_entityreference_filter=All&field_prog_gt_target_id_entityreference_filter=All&field_prog_codigo_value=&field_prog_categoria_target_id=All&combine=&combine_1=Michelle+Dantas+Ferreira
- SILVA, Edilane Oliveira da. **Seminários de autoformação docente: abrindo frestas, fortalecendo docências, re-existindo em coletivo**. In: REUNIÃO REGIONAL - ANPED, 15, 2022, Belo Horizonte. Anais. Disponível em: http://anais.anped.org.br/regionais/sites/default/files/trabalhos/54/11781-TEXTO_



PROPOSTA_COMPLETO.pdf.

- SILVA, Edilane Oliveira da; FERREIRA, Michelle Dantas; BEMVENUTO, Vitória. **Por uma formação docente feita de experiências sensíveis: enredando Seminários Autoformativos, Vivências Formacionais e Yoga na Educação Básica**. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO - EN-DIPE, 21, 2021, Uberlândia. Anais. Universidade Federal de Uberlândia, 2021. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1QUKGifGZjDnh7VEPqTogmgITRh8i-Mxq/view>.
- SILVA, Greice Duarte de Brito; GUEDES, Adrienne Ogêda; VIEIRA, Nuelna; FERREIRA, Michelle Dantas. **Um curso em formação: corpo, arte e natureza**. Revista Interinstitucional Artes de Educar (RIAE). Rio de Janeiro, v. 1, n. 3, p. 420-436, out. 2015/jan. 2016. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/riae/article/view/23789>.
- UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. **Grupo FRESTAS de Pesquisa**. FRESTARIÊNCIA da reunião realizada no dia 26 de julho de 2014. Michelle Dantas Ferreira, p. 1.